

## **S. Domingos e Santa Clara como conjuntos estruturantes para o desenvolvimento da malha urbana no quadrante noroeste da cidade de Évora (séculos XII / XV) – Portugal**

**Tereno, Maria do Céu Simões - Professora auxiliar, Departamento de Arquitetura, Universidade de Évora, [mcst@uevora.pt](mailto:mcst@uevora.pt)**

**Monteiro, Maria Filomena Mourato, Arquiteta, Divisão do Centro Histórico, Património, Cultura e Turismo, Câmara Municipal de Évora.**

### **Resumo:**

Évora foi dominada durante quase doze séculos por diferentes povos com culturas e origens muito díspares: romanos vindos do Mediterrâneo, godos do Norte da Europa e por último, no ano de 715, por muçulmanos oriundos do Norte de África.

A religião cristã foi aqui introduzida durante o período de ocupação romana, assumindo protagonismo e práticas diferenciadas, de acordo com a crença religiosa dos diferentes ocupantes.

No início do século a área urbana já se encontrava totalmente amuralhada e os antigos *Arrabaldes* integravam plenamente a nova malha urbana.

Por razões de defesa permaneceram os espaços livres anexos à recém-construída muralha, que serviam também como locais de pastagem.

As cercas das casas religiosas constituíram-se como reservas de terrenos livres de edificações.

As áreas ocupadas pelos complexos religiosos cristãos (S. Francisco, S. Domingos e St<sup>a</sup>. Mónica, fundados durante os séculos XIII e XIV, St<sup>a</sup>. Clara, Paraíso e S. João Evangelista, durante o século XV) foram sendo cada vez menores nas fundações mais recentes.

O Convento de São Domingos de Évora foi fundado, segundo a crónica da respetiva Ordem, na sequência de outros cenóbios, em 1286.

A fundação em Évora do antigo Mosteiro de Santa Clara data de 1452, foi de iniciativa do Bispo de Évora D. Vasco Perdigão.

Neste sentido pareceu-nos revestir-se de importância para a preservação da memória das gerações que nos antecederam o conhecimento e valorização dos vestígios remanescentes das antigas ocupações de cariz religioso.

**Palavras-chave:** Preservação, Património, Religião, Urbanismo.

### **Abstract:**

Évora was dominated for nearly twelve centuries by different people with very different backgrounds and cultures: Romans coming from the Mediterranean, Goths of northern Europe and finally, in 715, Muslims from North Africa.

The Christian religion was introduced here during the Roman period, assuming differentiated leadership practices according to the religious beliefs of different occupants.

At the beginning of the century the urban area was already fully walled and old “Arrabaldes” integrated the new urban foundation.

For the sake of protection of the city, the free spaces remain attached to the newly built wall, which also served as places of pasture. The fences of the religious houses were built as land reserves free of buildings.

The spaces occupied by Christian religious complexes (São Francisco, São Dominigos and St<sup>a</sup>. Mónica founded during the thirteenth and fourteenth centuries, Santa Clara, Paraízo and São João Evangelista, during the fifteenth century) keep on being increasingly smaller in the recent foundations.

The Convent of “São Domingos” of Évora was founded, according to the Chronicle of the respective Order, following other monasteries, in 1286.

The foundation of the old Évora Monastery of “Santa Clara” in 1452 was the initiative of the Bishop of Évora D. Vasco Perdigão.

In this sense it seemed to be of importance for the preservation of the memory of the generations that preceded us the knowledge and appreciation of the remaining traces of ancient occupation of a religious nature.

**Keywords:** Conservation, Heritage, Religion, Urbanism.

## Introdução

A cidade de Évora deve parte da sua imagem urbana à localização dos inúmeros mosteiros e conventos, construídos ao longo dos séculos, e à influência evidenciada pela população religiosa nela residente.

Na origem das primeiras fundações monástico-conventuais medievais está o facto de ser uma cidade relativamente importante, recentemente conquistada aos infiéis, e situada em território limite da Cristandade, o que aliciou particularmente alguns irmãos mendicantes que, seguindo o espírito apostólico e expansionista de Francisco de Assis, terão chegado a esta cidade<sup>1</sup> (Fig. 1).

O facto de se situar num importante cruzamento de vias, numa região de comércio próspero e rodeada por campos de singular fertilidade justificou, em parte, a importância e o número de casas conventuais que aqui foram progressivamente sendo fundadas.

O clima apetecível e a proximidade relativa a outros centros urbanos importantes tornaram-na simultaneamente em local de visita assídua da corte portuguesa, que ao longo dos séculos aqui permaneceu, por períodos mais ou menos longos.

Segundo a tradição, a referência mais longínqua que nos chega relativamente à religião católica na cidade de Évora, então ocupada por Roma, aponta para o ano de 38, durante o qual S. Manços terá por aqui passado, criando a primeira cadeira pontifical da Península Ibérica. Refere igualmente que a população que foi convertida à nova fé “foi

---

<sup>1</sup> Logo durante o Capítulo de Pentecostes, realizado pelos Frades Menores, no ano de 1217, estes organizaram as missões franciscanas, passando a estar a Itália e mais países divididos em províncias dirigidas por “ministros provinciais”. Tratou-se da evolução natural da Ordem depois de em 1209 o papa Inocêncio III ter concedido a Francisco de Assis e aos seus companheiros “somente” o direito à pregação evangélica. Cf. SANTOS, Júlio Eduardo dos, *S. Francisco de Assis, Versão dos seus Poemas e Opúsculos, acompanhada de notas e de um Bosquejo da Vida, Obra e Ideal do Poverello*, Ottosgrafica, Lisboa, 1925, pp. 47 e 74.

por ele orientada a fazer uma vida eremítica na Serra de Ossa, que fica à vista de Évora; ali a começaram no ano do Senhor de 45”<sup>2</sup>.

Daquela época remota do contacto entre a cidade de Évora e a nova doutrina são escassos os documentos esclarecedores. Contudo, são inúmeras as provas desta religião monoteísta, logo a partir do terceiro século.

Durante os séculos VIII a XII<sup>3</sup>, com a invasão por povos muçulmanos provenientes do Norte de África, os núcleos urbanos, em especial as antigas cidades de ocupação romana, sofreram uma época de novo incremento económico (Figs. 2 e 3).

Os povos oriundos do Norte de África permaneceram em Évora por 451 anos, sendo só em 1166 que a cidade é tomada por Giraldo.

Assim que Évora entra na posse dos cristãos, imediatamente D. Soeiro passa a assumir o lugar de bispo da cidade, assinando como tal logo no ano de 1166<sup>4</sup>.

O final do século XIII e seguintes são, em Évora, para a Igreja cristã, o seu período de instalação plena e de enriquecimento, através de avultadas e numerosas doações régias (Figs. 4, 5, 6 e 7).

As ordens mendicantes, com a pobreza, humildade e até argúcia dos irmãos franciscanos e dominicanos terão, de maneira significativa, e de modo marcante, influenciado a cidade de Évora.

A nível urbanístico contribuíram também para o desenvolvimento de aglomerados urbanos iniciais, que nalguns casos específicos tiveram como referência os respetivos conventos mendicantes, caso dos Arrabaldes de S. Francisco e S. Domingos.

Em finais do século XV o espaço amuralhado da cidade (107 he) encontra-se totalmente ocupado, embora com densidade construtiva variável, de acordo com a maior ou menor proximidade dos centros do poder então vigentes na urbe (Figs. 8 e 9).

As áreas ocupadas pelos complexos religiosos cristãos (S. Francisco, S. Domingos e St<sup>a</sup>. Mónica, fundados durante os séculos XIII e XIV, St<sup>a</sup>. Clara, Paraíso e S. João Evangelista, durante o século XV), foram sendo progressivamente menores nas fundações mais recentes (Fig. 10).

As áreas adstritas à judiaria e mouraria estão muito densificadas, obrigando a sucessivos alargamentos das zonas primitivamente delimitadas e à consequente construção de novas portas.

Até final do séc. XV foram fundadas na cidade seis casas religiosas (Fig. 11): destas, duas localizaram-se no quadrante noroeste de Évora, o convento de S. Domingos e o mosteiro de St<sup>a</sup>. Clara (Fig. 12).

### **Convento de S. Domingos**

O Convento de São Domingos de Évora foi fundado (Fig. 13), segundo a crónica da respectiva Ordem, na sequência de outros cenóbios, nomeadamente em Alenquer, por volta de 1225<sup>5</sup>, Coimbra e Porto no ano de 1237, Lisboa em 1241, Elvas, Guimarães,

---

<sup>2</sup> Cf. FIALHO, Pe. Manuel, *Évora Ilustrada*, Edição Nazareth & Filho, Évora, 1945, p. 34 [manuscrito, datado 1707-1711, de FIALHO, Pe. Manuel, *Évora Cidade de Portugal Ilustrada*, B.P.E: vol. I, cód. CXXX / 1-8; vol. II, CXXX / 1-9; vol. III, CXXX / 1-10; vol. IV, CXXX / 1-V].

<sup>3</sup> Évora esteve sob poder muçulmano entre 715 e 1166.

<sup>4</sup> À data, o território português encontrava-se dividido em sete dioceses, cujas sedes se localizavam respectivamente em Braga, Lisboa, Porto, Coimbra, Viseu, Lamego e Évora. Só mais tarde se restauraram outras duas, das antigas dioceses, transferindo os seus centros para a Guarda e para Silves.

<sup>5</sup> Embora mudado, após dois anos, deste local para Santarém, consultar ALMEIDA, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, nova edição preparada e dirigida por Damião Peres, vols. I-IV, Portucalense Editora, Porto, 1967.

onde, embora já pregassem há 40 anos, só aceitaram sítio em 1270, Tuy, em 1282, e finalmente o de Évora em 1286<sup>6</sup>.

Foi nas imediações de uma antiga ermida evocativa de “Santa Victória, martyr” que os pregadores, de início, se acolheram, vivendo das esmolas e pregando à população. O seu primeiro prior foi Frei Domingos de Amarez, de origem espanhola<sup>7</sup>.

O local para a sua fixação foi facultado pela Câmara (Figs. 14 e 15), que disponibilizou uma área fora da primitiva muralha defensiva. A respectiva autorização para a instalação foi concedida através de alvará, pelo rei D. Dinis, no qual recomendava os frades à cidade.

Em Évora deveram-se à pequena nobreza local os mais vastos donativos que permitiram o desenvolvimento das áreas de construção conventuais. Na verdade foram os eborenses, e não os monarcas portugueses, que proporcionaram o maior impulso a esta casa religiosa<sup>8</sup>.

O local físico escolhido para a fixação dos frades foi do lado ocidental da urbe (Fig. 16), em área próxima do espaço de circulação exterior que ligaria as zonas Norte e Sul do território, e tendo na altura como pontos de ligação com o interior amuralhado as portas de D. Isabel e primitiva de Alconchel (Fig. 17). O seu afastamento retilíneo relativamente ao outro convento já existente na cidade, S. Francisco, foi de aproximadamente 550 metros.

O posicionamento inicial era inequivocamente descentrado relativamente à intensa vida económica da cidade, que se prolongaria posteriormente, e progressivamente, ao longo da área adjacente à muralha, em direção a Sul e a Poente<sup>9</sup>.

Do ponto de vista estratégico, constata-se que o espaço se encontra relativamente afastado das torres defensivas da primitiva muralha, nomeadamente da Torre do Salvador, ainda hoje com acesso ao seu topo, ou das outras, atualmente já quase inexistentes e que obviamente pautavam o primitivo círculo amuralhado<sup>10</sup>. O facto de se posicionar este complexo conventual no quadrante Noroeste da cidade, logo mais protegido das investidas mouriscas que teoricamente partiriam de Sul e Este, e o facto de a construção do segundo círculo de muralhas se ter iniciado pela zona Norte, área mais desprotegida por parte do castelo defensivo, garantia maior abrigo a este convento (Figs. 18 a 23).

---

<sup>6</sup> Existiriam, no mínimo, há sessenta e dois anos franciscanos na urbe eborensis.

<sup>7</sup> Cf. FIALHO, Pe. Manuel, Évora..., ob. cit., p. 339.

<sup>8</sup> Aliás a própria Igreja, logo no início das ordens mendicantes, solicitou um apoio especial por parte dos monarcas relativamente aos franciscanos, mais vulneráveis pelo seu modo de estar, prevendo que os dominicanos, através da sua pregação douta, facilmente iriam angariar fortes apoios nas camadas mais abastadas da sociedade.

<sup>9</sup> Foram aí sucessivamente localizadas ao longo dos séculos as olarias e respectivos locais de venda, tendas nas arcarias, local dos mercados especificamente destinados a produtos diversos. Em 1547 o sítio era já fortemente urbano, pelo que as mulheres do Recolhimento de Santa Marta, a escassos metros de S. Domingos, se viram forçados a mudar de local, dando origem ao Mosteiro de Santa Catarina, na impossibilidade física de ampliação da sua área de implantação. Sobre o Recolhimento de Santa Marta: FRANCO, Pe. Manuel, Évora..., ob. cit., p. 364.

<sup>10</sup> De referir a existência do antigo palácio acastelado dos Silveiras, antepassados dos Pestanas e que ocuparia o atual espaço dos CTT e do edifício dos Paços Municipais. A ele pertenceria a Torre do Salvador, assim como outra, fortificada, já demolida, em parte situada no espaço do edifício municipal. Existe memória escrita da demolição de tal torre, que foi extremamente difícil, podendo pressupor-se que a sua origem poderia ser romana, considerando a existência no mesmo espaço do hoje conhecido balneário romano. A área conventual dominicana estaria bem visível, e acessível a nível defensivo, pelo menos do alto dessas duas torres.

Foi este núcleo religioso inicial que, através do saber e da pregação de alguns dos seus frades, mas também da bondade de outros, terá cativado a população. As numerosas doações ao convento são prova de tal facto<sup>11</sup>. O volume de bens recebidos por esta instituição, e que tinham de ser geridos, igualmente desencadeou uma economia que permitiu a alguma população da zona obter aí o seu sustento diário.

### **Mosteiro de Santa Clara**

Entre 1265 e 1268 o papa Clemente IV “regula” a distância a haver entre conventos ou mosteiros da mesma Ordem, ou de Ordens diferentes, sendo esta de aproximadamente 500 metros.

Com a densificação das cidades esta distância rapidamente passa para metade.

No núcleo urbano de Évora, após as fundações de um complexo religioso franciscano no início do século XIII, é instituída, passado mais de meio século, nova casa religiosa.

Em Évora, foi fundado o Mosteiro de Santa Clara, no ano de 1452<sup>12</sup>, programado logo no início para oitenta monjas, seis anos após a coroação do muito jovem rei D. Afonso V, e por iniciativa do então bispo de Évora D. Vasco Perdigão, que para isso facultou na Rua de Alconchel (atual Rua Serpa Pinto) algumas construções arruinadas, pertencentes anteriormente ao paço dos Falcões.

As construções doadas, e à data sem condições de habitabilidade, mesmo para as monjas, só passados sete anos foram entregues à Segunda Ordem de S. Francisco, que, devido às diminutas verbas de que dispunha, só cinco anos depois é que concretizou a construção e consagração do primitivo templo<sup>13</sup>.

Tendo sido o primeiro mosteiro feminino institucionalmente fundado de raiz no núcleo urbano de Évora foi, logo desde o início, refúgio espiritual de diversas aristocratas que encontravam neste espaço condições de protecção e de recolhimento espiritual anteriormente inexistentes na urbe (Fig. 24).

Este mosteiro de Clarissas possuiu, inicialmente, um património muito parco, quando foi habitado pelas primeiras monjas, no ano de 1459. Contudo, o seu poder económico avolumou-se com muitos dos bens para aqui transferidos quando o Convento de S. Francisco de Évora, em 1513, se reformou na “regular observância”. Por sua vez,

---

<sup>11</sup> Logo no ano de 1294, Joana Fernandes doa, para encargos pios após a sua morte, casas situadas no Arrabalde de S. Mamede, mais especificamente na Rua do Poço do Bispo, logo numa área consideravelmente afastada do convento. A dispersão do património desta casa religiosa no meio urbano é assim patente poucos anos após a fixação dos frades. Tal facto irá certamente exercer influência marcante nos moradores que, direta ou indiretamente, passam a depender da instituição religiosa. Cf. CARVALHO, Afonso de, *Da Toponímia de Évora, dos meados do século XII a finais do século XIV*, vol. I, Edições Colibri, Lisboa, 2004, p. 80.

<sup>12</sup> A primeira comunidade eborense de clarissas foi fundada, no mínimo, duzentos e vinte e oito anos após a fundação, aqui, do primeiro convento masculino franciscano.

Do mesmo modo trinta e um anos após teve lugar a integração forçada da comunidade de “beatas”, que viviam perto de S. Mamede, na Ordem de Santo Agostinho, sob a protecção de Santa Mónica. Vigorava na cidade de Évora uma população religiosa feminina preponderantemente organizada em pequenas comunidades, sem subjugação a regras religiosas aprovadas e que contavam com a devoção popular, predominantemente feminina.

<sup>13</sup> Doações avultadas foram efetuadas pelo bispo sucessor, D. Jorge da Costa, assim como pela realeza. Contudo, algumas das rendas atribuídas a esta fundação foram posteriormente desviadas para o mosteiro de Santa Maria do Espinheiro, situado fora da urbe eborense, dificultando, e mesmo atrasando aquelas obras. Só com o bispo D. Afonso, filho de D. Manuel, é que no ano de 1533 se põe fim ao assunto das anteriores doações, feitas ao mosteiro das clarissas. Sobre o assunto: FIALHO, Pe. Manuel, *Évora...*, ob. cit., p. 317.

quando o Mosteiro de Santa Clara passou da claustra à observância, em 1535<sup>14</sup>, veio a tomar posse dos restantes bens, que tinham revertido do Convento de S. Francisco, aumentando assim novamente, e consideravelmente, o seu património<sup>15</sup>.

Os votos de pobreza, obediência e castidade professados pelas monjas clarissas, a par da clausura, foram valores fundamentais para genericamente se estruturar, e desenvolver, a vida nesta comunidade religiosa em meio urbano.

O espaço reduzido que esta casa monástica inicialmente ocupou influenciou contudo de sobremaneira todo o espaço envolvente pois foi justificativo para desestruturar todo um antigo e importante eixo radial de circulação interior truncado para viabilizar um diminuto aumento na área da cerca monástica (Figs. 25 e 26).

Obviamente que, com o espaço ampliado, as condições do mosteiro foram melhoradas permitindo uma área livre complementar.

Foi contudo esta a única casa religiosa eborense que se permitiu concretizar uma intervenção tão marcante no espaço público, condicionando-o até hoje.

Este quarto complexo religioso fundado na cidade de Évora, e pertencente à Ordem Segunda Franciscana, foi localizado no quadrante Noroeste da urbe, zona já ocupada por um convento da Ordem Primeira Franciscana. A distância retilínea que separava as igrejas do Mosteiro de Santa Clara da do convento de S. Domingos era de pouco mais de 200 metros, e da do convento de S. Francisco de aproximadamente 350 metros.

A área cedida à Ordem para esta se instalar compunha-se por um conjunto de casas arruinadas que tinham pertencido a um antigo paço. O espaço disponível não seria muito amplo, considerando que alguns anos após foram adquiridas mais construções para alargamento do mosteiro<sup>16</sup>. Daqui igualmente se deduz que a zona estaria já bastante construída, considerando que em ambas as situações se adquirem construções, a serem adaptadas ou demolidas, e não terreno livre onde se pudesse mais livremente implantar o complexo monástico.

À época da fundação, o local escolhido para o primeiro mosteiro feminino fundado de raiz na cidade de Évora era área em franco desenvolvimento. Na realidade, o mosteiro instalou-se em construções situadas a Norte da Rua de Alconchel, verdadeiro eixo de circulação em franco desenvolvimento a partir do século XV. Tal facto é-nos confirmado não só pelo grande número de referências em documentos a tal arruamento, a partir desse século, mas também por ter sido a Porta de Alconchel a representada em lugar de relevo quando da feitura da iluminura que ilustra a capa do foral manuelino da cidade. Do lado Sul do mosteiro situar-se-ia, no ano de 1470, a Rua do Gaio<sup>17</sup>, via

---

<sup>14</sup> Cf. FIALHO, Pe. Manuel, Évora..., ob. cit., p. 317.

<sup>15</sup> De tal riqueza é testemunho o facto de, em 1536, já existirem pagamentos efetuados pelas religiosas para obterem o abastecimento de água a partir do aqueduto, assim como de, em 1538, ter sido lavrada escritura para se processar o entubamento da água através da Rua de Alconchel até ao mosteiro, obra que não foi concretizada.

<sup>16</sup> Em 1485, quando da primeira fase de construção, verificaram-se grandes alterações na antiga Rua do Gaio, denotando a existência de uma área já bem definida por arruamentos. Passados nove anos, em 1494, o mosteiro adquire casas “que ficão dentro em o Convento na Rua da Carta Velha”. Tal arruamento, que em 1571 corre ao longo da portaria de Santa Clara, é designado já por Travessa da Carta Velha. Em 1513 e 1527 novamente são adquiridas casas, desta vez para a constituição da cerca monástica, que se desenvolveu para noroeste do conjunto progressivamente edificado. Em 1536 é referido “pedaço de chão que foy tavessa que estaa a entrada da Rua das banhas nas costas do mosteiro de Santa Clara”. Sobre o assunto: CARVALHO, Afonso, Da Toponímia..., ob. cit., vol. I, p. 143.

<sup>17</sup> “...na Rua do gayo que ora he nas costas de santa crara e onde vyve Jorge de Resende...” permitindo-nos perceber que Santa Clara se situaria em 1470 entre a Rua de Alconchel e a Rua do Gaio, ambos arruamentos muito significativos no urbanismo medieval. Este Jorge de Resende poderia ser familiar de Garcia de Resende, que nasceu em Évora por volta do ano de 1470, tendo servido, como cronista, D. João

estruturante de toda uma zona e que desembocava para nascente, na Rua Ancha, junto ao terreiro de uma ermida de evocação de Santo António o eremita, designada à data por Ermida de Santo Antoninho<sup>18</sup>.

A portaria desta casa monástica aberta em direção a poente situava-se num arruamento que fazia a ligação natural entre o convento, mais antigo, de S. Domingos, distanciado deste pouco mais de escassos cem metros. A Rua de S. Domingos, parte da Rua da Carta Velha e a Rua de Santa Clara, com um pequeno terreiro defronte à portaria, são a consolidação de tal percurso, que naturalmente sofreu acertos ao longo dos séculos. O percurso natural em direção ao Convento de S. Francisco, distanciado cerca de trezentos metros, era interrompido, nos anos iniciais da fundação de Santa Clara, pela judiaria, mais ampla ou reduzida de acordo com a época política, mas sempre espaço diferenciado na malha urbana. Após a conversão forçada ao cristianismo e a abertura das portas da judiaria anteriormente cerradas, muitos foram os cristãos velhos que ocuparam as inúmeras habitações abandonadas por morte ou debandada dos seus residentes.

A Rua do Raimundo, limite Sul da referida área, com a conclusão da cerca nova e a inclusão do então denominado Buraco do Raimundo tornou-se eixo de circulação que progressivamente foi ganhando importância a partir do século XV<sup>19</sup>.

Em Évora, a casa das clarissas terá optado por obter o sempre tão almejado espaço livre adquirindo casas, reformulando o traçado de arruamentos e constituindo assim uma cerca, inequivocamente pequena, o que demonstra os condicionamentos desde o início existentes na zona de instalação<sup>20</sup>.

Para além dos complexos religiosos, o vasto e disperso património paulatinamente acumulado pelas casas religiosas através de diversificados modos, muito dele localizado no interior das muralhas da cidade de Évora, ficou no mercado imobiliário para arrendamento ou venda, considerando a caducidade inerente aos primitivos contratos celebrados com os conventos e mosteiros.

Os anteriores habitantes viam-se assim subordinados a novas regras, muito restritas e exigentes, que condicionavam, quando não cumpridas, a sua permanência no espaço. O mesmo se passava com as hortas, currais, lagares e outros bens, limitados que foram os seus arrendatários através de novas imposições difíceis de cumprir.

Tendo sido o primeiro mosteiro feminino institucionalmente fundado de raiz no núcleo urbano de Évora foi, desde o início, refúgio espiritual de diversas aristocratas que encontravam neste espaço condições de proteção e de recolhimento espiritual anteriormente inexistentes na urbe.

No núcleo urbano de Évora após as fundações de três complexos religiosos cristãos durante os séculos XIII e XIV (dois conventos masculinos e um mosteiro feminino, este último com grande adesão da população mais humilde) é instituída, já a meio do século XV, nova casa religiosa feminina de clausura.

---

II, o príncipe D. Afonso e D. Manuel I. Cf. CARVALHO, Afonso de, Da Toponímia..., ob. cit., vol. I., p. 133.

<sup>18</sup> Desta ermida resta hoje, no altar da Igreja de Santo Antão, apenas belíssima lápide representando os apóstolos, e que possui como elemento central a cruz dos templários.

<sup>19</sup> Só em 1487 é que é proposto o calcetamento da referida rua, demonstrando a sua até então pouca importância no conjunto urbano edificado.

<sup>20</sup> Não obstante, tal mosteiro foi recolhimento de nobreza influente, como por exemplo de D. Joana, filha de D. Henrique IV de Castela e noiva do rei português D. Afonso VI.

Ao longo dos séculos sucessivos acessos foram abertos a partir do Mosteiro de St<sup>a</sup>. Clara para alguns dos arruamentos circundantes (Ruas Serpa Pinto, de St<sup>a</sup>. Clara, da Carta Velha, de Alfeirão, Travessas dos Beguinos e da Milheira).

A escassez de terrenos disponíveis no Mosteiro de St<sup>a</sup>. Clara está patente no volume construtivo da capela-mor, a qual foi ampliada sobre um arruamento pré-existente, a Travessa da Milheira. A estreiteza desta antiga via que faz a ligação entre as Ruas Serpa Pinto e a dos Caldeireiros é notória.

O solar dos Lobos e o palácio dos Mendanhas são duas das antigas casas de famílias poderosas que se instalaram na proximidade da casa monástica das clarissas.

Das torres deste mosteiro feminino podem vislumbrar-se quer a judiaria, que ficava anexa ao mesmo, como também o conjunto do convento de S. Francisco (Fig. 27).

Como contraponto à sumptuosidade interior do mosteiro, o claustro facultava às monjas de St<sup>a</sup>. Clara um espaço de lazer e oração, complementado pelas longas alas que ainda hoje circundam o claustro (Fig. 28).

O limite físico e visual que este espaço impunha foi ultrapassado, mesmo sob o regime de clausura, com a edificação de torres de fresco que de acordo com o posicionamento do sol permitiam ver, e mesmo serem vistas a partir do exterior (Figs. 29 e 30).

A construção de torres de fresco foi no mosteiro de Santa Clara notória: edificaram-se três torres de dimensão acentuada permitindo serem utilizadas por um número considerável de religiosas.

As pinturas executadas por essas monjas, e ainda visíveis em algumas das paredes interiores, demonstram a utilização regular e prolongada desses espaços (Fig. 31 e 32).

De todas elas abarca-se uma visão notável sobre a área urbana envolvente, nomeadamente sobre a antiga Judiaria e restantes casas religiosas da cidade.

Situado anexo à primitiva porta lateral da igreja existe um poço que se inseria no antigo terreiro público da igreja de St<sup>a</sup>. Clara, situado na atual Rua Serpa Pinto (antiga *Rua de Alconchel*) (Fig. 33).

Interiormente, o espaço de clausura é ainda patente através da grade entre o coro baixo e a nave da Igreja aberta à população e cuja entrada se localiza muito perto da Judiaria de Évora. (Figs. 34 e 35).

Em 1945, mais de um século após esta abrupta intervenção no domínio da posse de bens imóveis dos antigos conventos e mosteiros, e suas sequentes transações e derrubes, o antepiano de urbanização, da autoria do arquiteto Étienne Groer igualmente preconizou intervenções “demolidoras” no tecido urbano, nomeadamente com a constituição de novos largos, abertura de diferentes novos arruamentos e realinhamento de outros, sempre obviamente através do sacrifício de edificações existentes. Felizmente só em parte concretizado, este projecto continuava a ação demolidora iniciada mais de uma centúria antes no interior do espaço urbano amuralhado de Évora.

Na planta da cidade de Évora nota-se que atualmente quase toda a área compreendida dentro da zona amuralhada se encontra densamente urbanizada (Fig. 36).

Como exceção refira-se o espaço anexo ao Convento de Santa Helena do Monte Calvário, antigo ferragial no século XIII, que hoje permanece como única mancha verde do quadrante noroeste (Fig. 37).

Será de todo o interesse preservá-lo numa cidade com tão poucos espaços verdes.

O convento de S. Domingos, 2º complexo religioso urbano fundado em Évora, localizou-se descentrado relativamente à intensa vida económica da cidade, que se prolongaria posteriormente, e progressivamente, ao longo da área adjacente à muralha primitiva, em direção a sul e poente.

## Considerações finais

O facto de se ter posicionado no quadrante noroeste da urbe, local mais protegido das investidas mouriscas que teoricamente partiriam de sul e este, e da construção do segundo círculo de muralhas se ter iniciado pela zona norte, área mais desprotegida por parte do castelo primitivo, garantia maior abrigo aos frades dominicanos.

Este núcleo de religiosos, através do saber e dos dotes oratórios de alguns dos seus frades, mas também da sua bondade, terá cativado a população.

O volume de bens recebidos pela instituição, e que tinham de ser administrados, gerou uma economia que permitiu o sustento de alguma da população local.

A fixação urbana em redor do cenóbio aconteceu de modo progressivo, bem como a constituição de eixos comerciais paralelos onde actividades específicas se foram instalando.

O convento de S. Domingos terá contribuído para a formação e posterior consolidação de malha urbana, assim como para a localização pontual de casas de algumas das famílias mais importantes da cidade.

O mosteiro de St<sup>a</sup>. Clara, sendo o quarto complexo religioso fundado na cidade de Évora, e pertencente à Ordem Segunda Franciscana, foi localizado igualmente no quadrante sudoeste da urbe, zona onde já existia o de S. Domingos.

A distância retilínea que separava a igreja de Santa Clara da de S. Domingos (entretanto demolida) era de pouco mais de 200 metros, e da de S. Francisco aproximadamente 350 metros.

O mosteiro de St<sup>a</sup> Clara inseriu-se em espaço urbano já fortemente condicionado, contribuindo para a sua densificação.

A sua principal ampliação deveu-se à reformulação de importante artéria, a antiga *Rua do Gaio*, seccionando-a e desestruturando parte do tecido urbano envolvente.

Pode-se concluir que a implantação das casas religiosas em geral, e no caso presente dos dois conjuntos estudados, o convento de S. Domingos e o mosteiro de St<sup>a</sup>. Clara foram determinantes para o desenvolvimento económico e urbanístico do quadrante noroeste de Évora (Fig. 38).

Esta ocupação de território teve grande influência no desenvolvimento do espaço envolvente, contribuindo para o crescimento coeso da cidade, e posteriormente para o urbanismo resultante, em parte, da implantação destas casas religiosas.

As duas construções deixaram marca na configuração urbana da cidade, que até hoje ainda se mantem, apesar de qualquer destes espaços ter sido utilizado, após a exclausuração das ordens religiosas, de forma muito distinta daquela para a qual tinham sido concebidos.

## Referências bibliográficas

ALMEIDA, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, nova edição preparada e dirigida por Damião Peres, vols. I-IV, Portucalense Editora, Porto, 1967.

CARVALHO, Afonso de, *Da Toponímia de Évora, dos meados do século XII a finais do século XIV*, vol. I, Edições Colibri, Lisboa, 2004.

CARVALHO, Afonso de, *Da Toponímia de Évora, século XV*, vol. II, Edições, Colibri, Lisboa, 2007.

FIALHO, Pe. Manuel, *Évora Ilustrada*, Edição Nazareth & Filho, Évora, 1945, p. 34 [manuscrito, datado 1707-1711, de FIALHO, Pe. Manuel, *Évora Cidade de Portugal Ilustrada*, B.P.E: vol. I, cód. CXXX / 1-8; vol. II, CXXX / 1-9; vol. III, CXXX / 1-10; vol. IV, CXXX / 1-V].

SANTOS, Júlio Eduardo dos, *S. Francisco de Assis, Versão dos seus Poemas e Opúsculos, acompanhada de notas e de um Bosquejo da Vida, Obra e Ideal do Poverello*, Ottosgrafica, Lisboa, 1925.



Fig. 1 - (Península Ibérica. Mapa do século XVIII, gravado em cobre e pintado à mão).

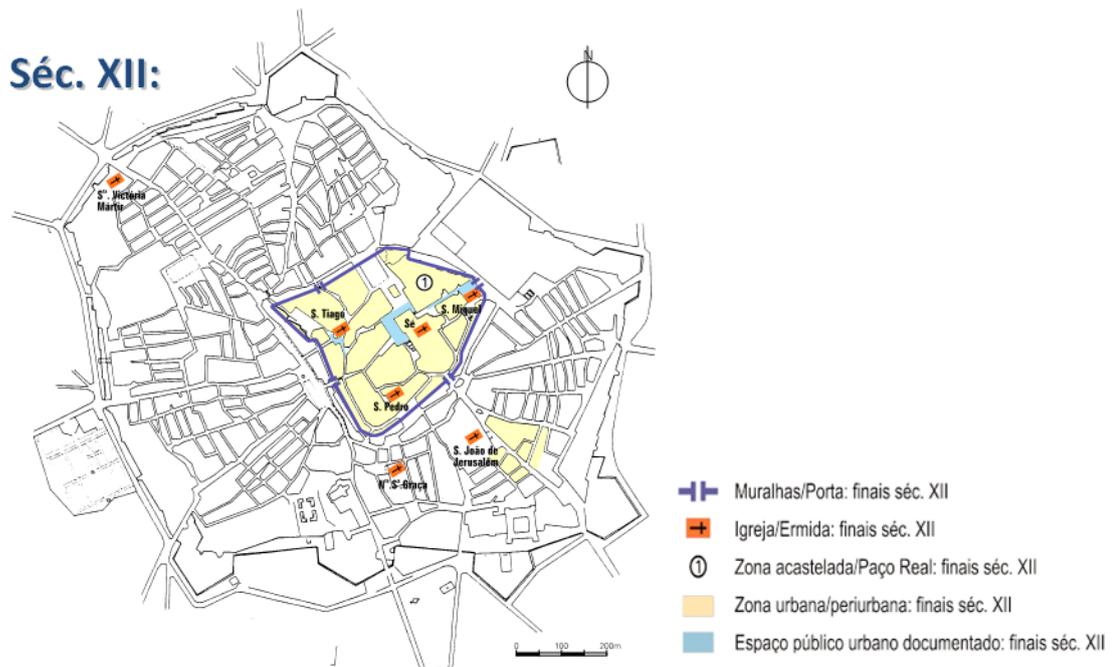


Fig. 2 - (Évora. Ocupação do espaço urbano em finais do séc. XII. Reconstituição sobre planta da cidade, do séc. XIX).





Fig. 5 – Pormenor (Évora. Criação de espaço urbano nos séc. XIII/XIV. Reconstituição sobre planta da cidade do séc. XIX).

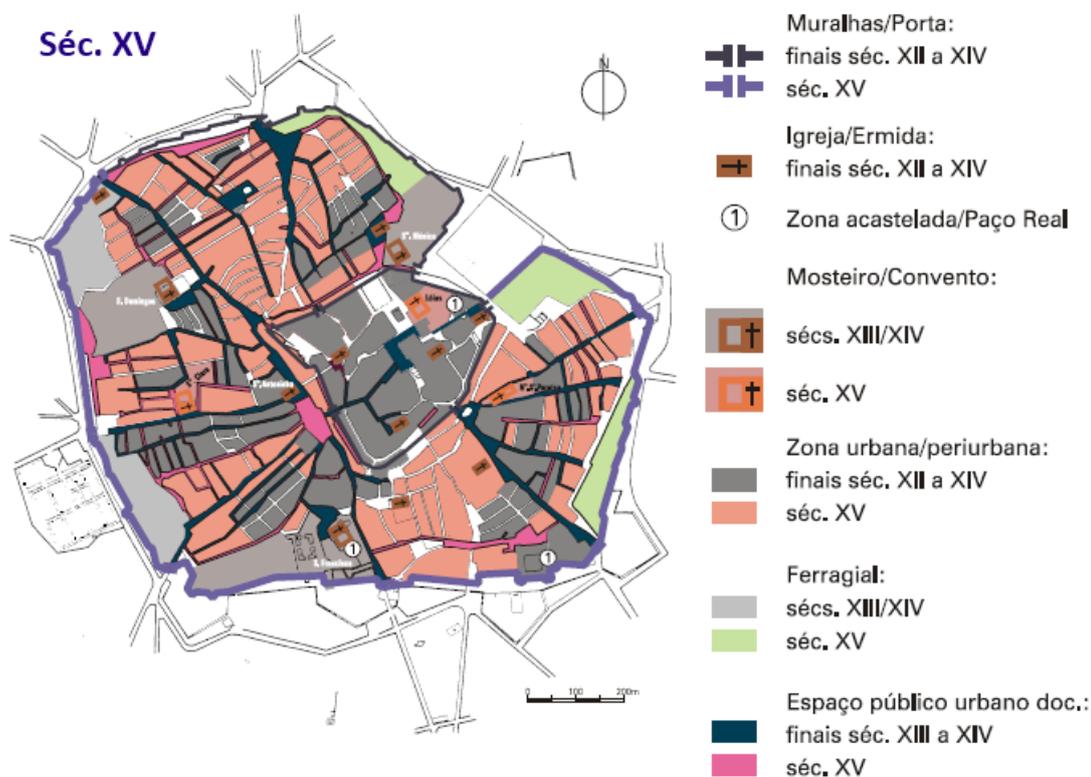
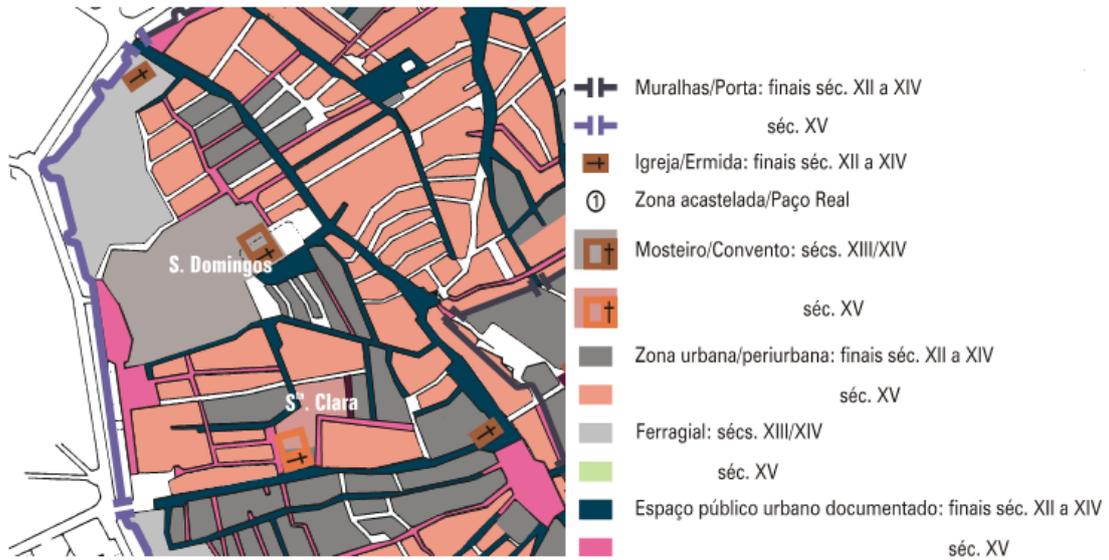
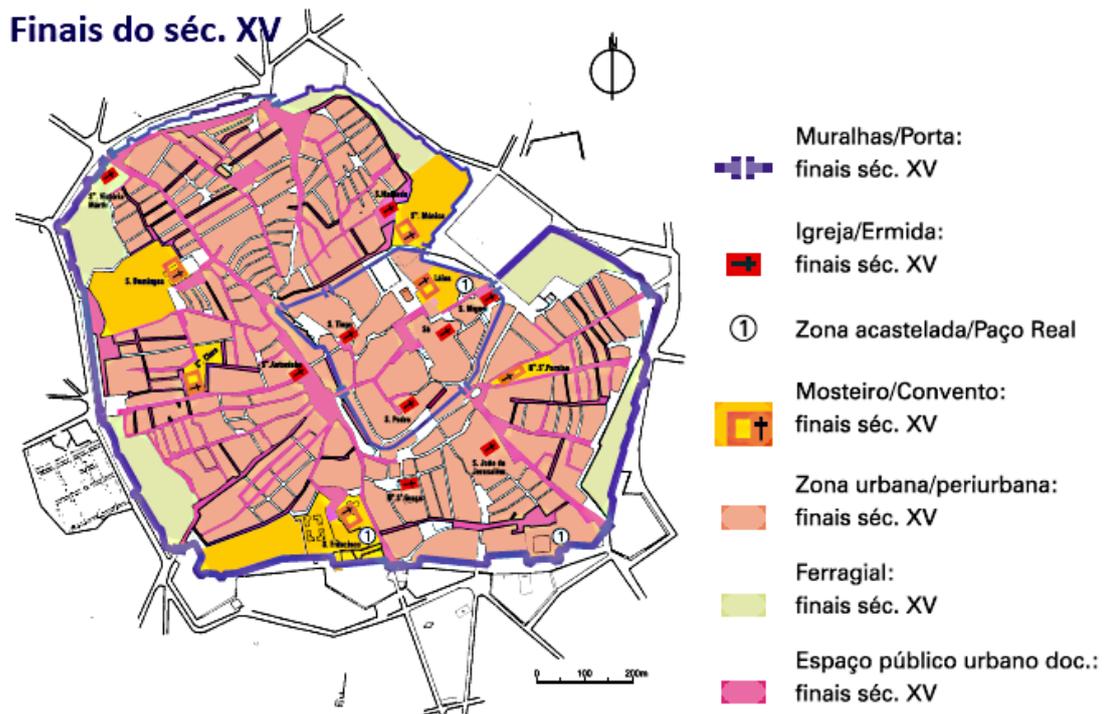


Fig. 6 - (Évora. Criação de espaço urbano no séc. XV. Reconstituição sobre planta da cidade, do séc. XIX).



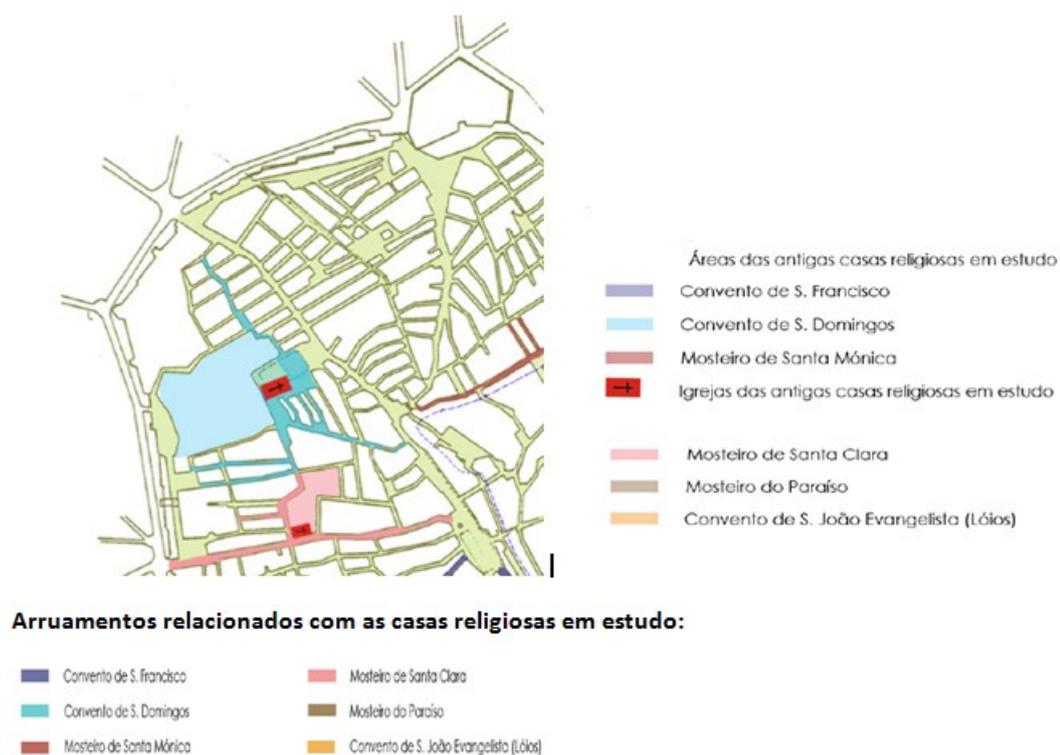
**Fig. 7 – Pormenor (Évora. Criação de espaço urbano no séc. XV. Reconstituição sobre planta da cidade, do séc. XIX).**



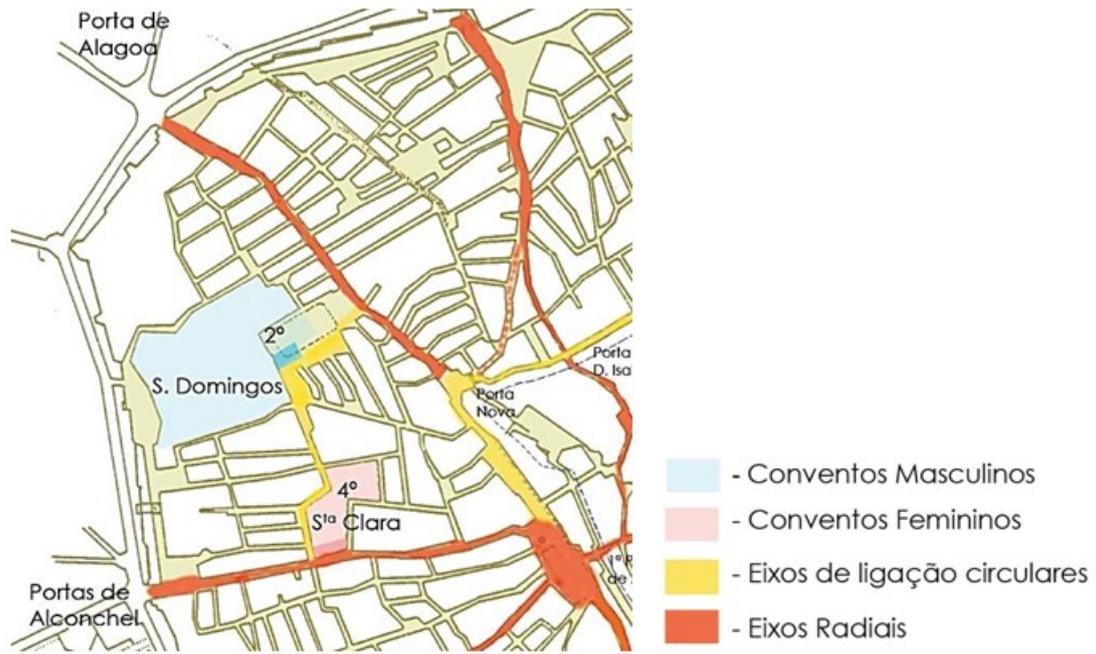
**Fig. 8 – (Évora. Ocupação do espaço urbano em finais do séc. XV. Reconstituição sobre planta da cidade, do séc. XIX)**



**Fig. 9 – Pormenor (Évora. Ocupação do espaço urbano em finais do séc. XV. Reconstituição sobre planta da cidade, do séc. XIX).**



**Fig. 10 - Arruamentos relacionados com as antigas casas religiosas em estudo (reconstituição sobre planta da cidade, do séc. XIX).**



**Fig. 11** - Zonas dos mosteiros e conventos medievos em estudo e marcação dos eixos citadinos neles inseridos (reconstituição sobre planta da cidade, do séc. XIX).



Fig. 12 - (Évora. Vista poente da cidade. Iluminura do segundo foral da cidade datado de 1505).

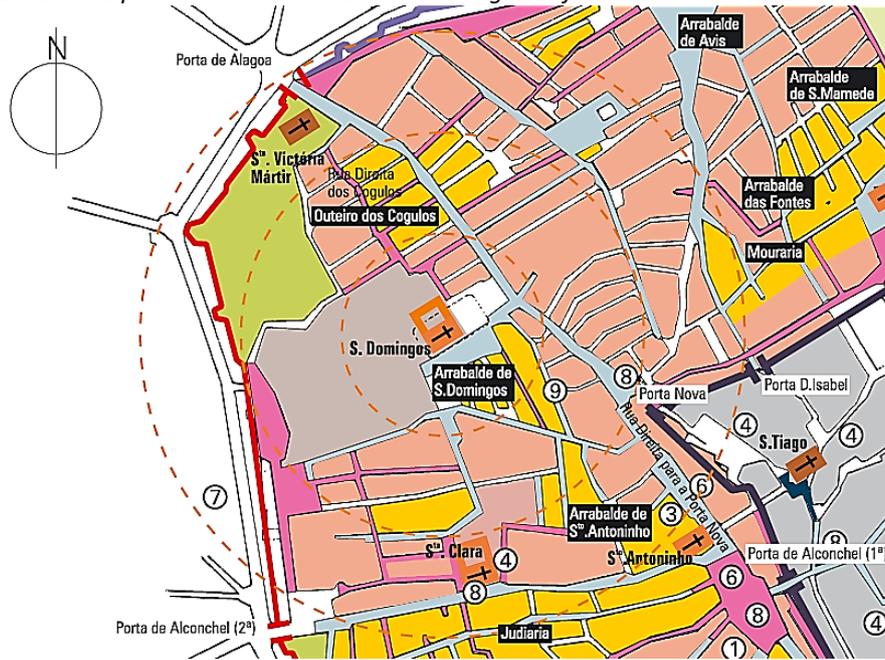


Fig. 13 - Convento de S. Domingos. Evolução urbana da envolvente (reconstituição sobre planta da cidade, do séc. XIX).

- |  |  |  |                           |
|--|--|--|---------------------------|
|  | Muralhas/Porta: finais séc. XII                    |  | Zona acastelada/Paço Real |
|  | sécs. XIII/XIV                                     |  | Açougue                   |
|  | séc. XV  |  | Albergaria/Hospital       |
|  | Igreja/Ermida: finais séc. XII                     |  | Casa nobre/senhorial      |
|  | sécs. XIII/XIV                                     |  | Paço do Concelho/Cadeia   |
|  | Mosteiro/Convento: sécs. XIII/XIV                  |  | Comércio                  |
|  | séc. XV  |  | Olarias                   |
|  | Zona urbana/periurbana: finais séc. XII            |  | Poço Público/Fonte        |
|  | sécs. XIII/XIV                                     |  | Adegas/Lagares            |
|  | séc. XV  |  |                           |
|  | Ferragial: sécs. XIII/XIV                          |  |                           |
|  | séc. XV  |  |                           |
|  | Espaço público urbano documentado: finais séc. XII |  |                           |
|  | sécs. XIII/XIV                                     |  |                           |
|  | séc. XV  |  |                           |

Área de influência monástico-conventual



**Figs. 14 e 15** – Vistas de frente do local onde esteve inserido o Convento de S. Domingos. Vista posterior do conjunto e respetiva cerca.



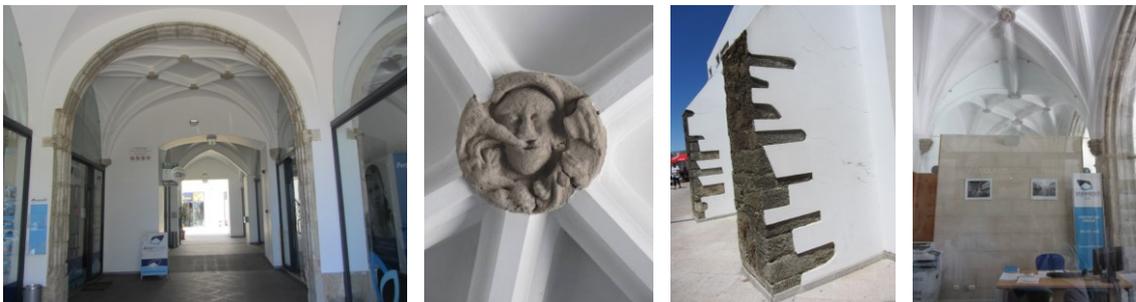
**Fig. 16** - Possíveis limites do antigo convento de S. Domingos.



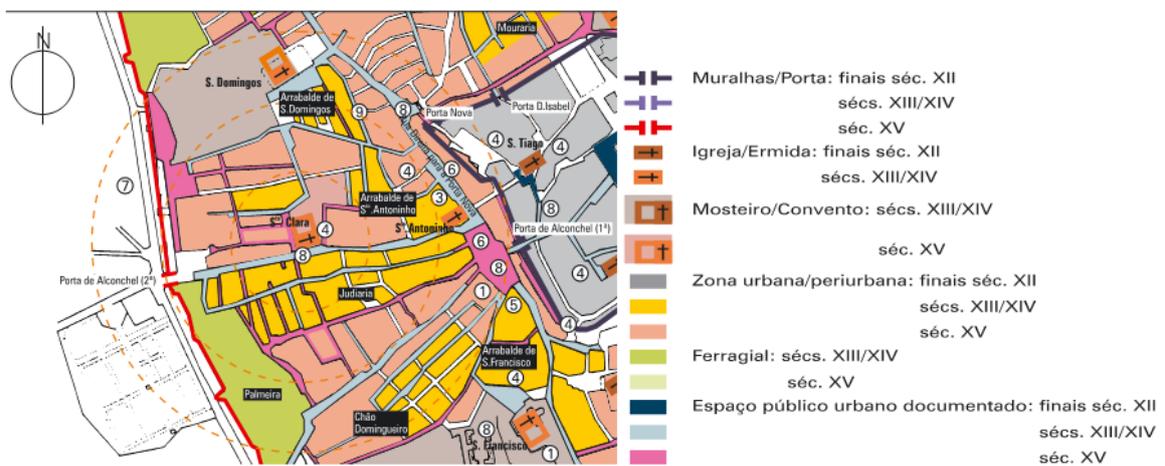
**Fig. 17** - Convento de S. Domingos – planta com as áreas assinaladas do que restou do antigo convento dominicano.



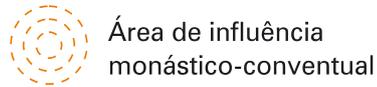
**Figs. 18, 19 e 20 - Convento de S. Domingos – Algumas vista do exterior do conjunto, do interior antes das obras e após as mesmas.**



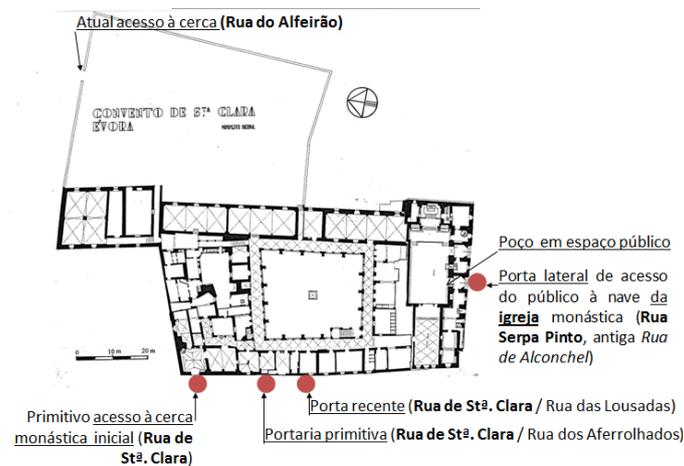
**Figs. 21, 22, 23 e 24 - Convento de S. Domingos – Vistas dos remanescentes do antigo convento.**



- ① Zona acastelada/Paço Real
- ② Açougue
- ③ Albergaria/Hospital
- ④ Casa nobre/senhorial
- ⑤ Paço do Concelho/Cadeia
- ⑥ Comércio
- ⑦ Olarias
- ⑧ Poço Público/Fonte
- ⑨ Adegas/Lagares



**Fig. 25 - Mosteiro de Santa Clara.** Evolução urbana da envolvente (reconstituição sobre planta da cidade, do séc. XIX).



**Fig. 26 - Mosteiro de Santa Clara.** (Évora. Planta do piso térreo do antigo mosteiro de St<sup>a</sup>. Clara, com identificação das ligações deste, com os arruamentos circundantes).



**Fig. 27 - Mosteiro de Santa Clara.** Vistas dos acessos ao conjunto monástico.



**Figs. 28 e 29 - Mosteiro de Santa Clara.** Vista do exterior do conjunto e do claustro do mosteiro.



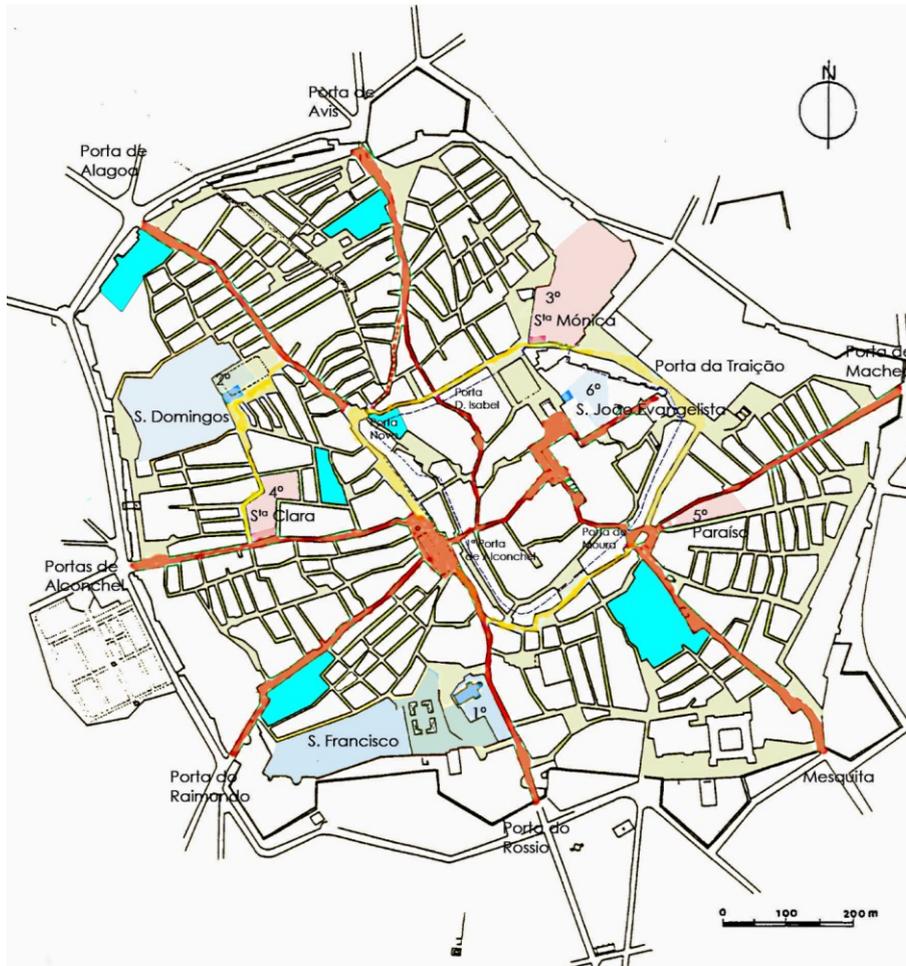
**Figs. 30, 31, 32, 33, 34, 35 e 36 - Mosteiro de Santa Clara.** Vistas do claustro maior e menor, de pinturas nas paredes das torres de fresco, da torre, do antigo poço, da grade da clausura e de um pormenor das ricas pinturas no coro baixo.



**Fig. 37** –Vista global da cidade de Évora. Marcação do quadrante noroeste e das duas casas religiosas que desempenharam importante papel no desenvolvimento daquele quadrante.



**Fig. 38** - Quadrante noroeste da cidade. Malha urbana densamente ocupada no início do século XXI.



**Fig. 39** - Planta da cidade com proposta de reconstituição das áreas ocupadas pelas casas religiosas.